

A AUTOIMAGEM IDEALIZADA

Saudações, Deus abençoe todos vocês, meus caríssimos amigos. Sejam bem-vindos todos os meus velhos e os novos amigos reunidos aqui.

Vamos continuar com a série de palestras para ajudá-los a ganhar maiores insights sobre si mesmos, portanto, sobre a vida. As duas palestras precedentes trataram da grande dualidade, da luta entre vida e morte, da ilusão de que seja uma questão de ou um/ou outro. Quanto mais uma pessoa estiver envolvida em dualidade, mais vê a vida em termos de extremos. Da mesma forma é a questão da felicidade versus infelicidade sentida em dois extremos, em termos de ou/ou, com a felicidade representando a vida e a infelicidade representando a morte.

Enquanto se luta nesta dualidade é impossível vivenciar e aceitar a percepção de que a vida traz ambos. O intelecto frequentemente aceita e percebe, mas emocionalmente a pessoa sente que, “Se eu sou infeliz agora, serei sempre infeliz.” Então, começa a luta tragicamente desnecessária e destrutiva contra a morte ou a infelicidade.

O próprio evento do nascimento é uma experiência dolorosa para a criança. Outras experiências dolorosas virão a seguir. Por outro lado, também existem experiências prazerosas. Uma vez que o conhecimento das experiências desagradáveis, ou a possibilidade das mesmas, está sempre presente, o medo delas cria um problema básico no homem. É o problema que discutimos nas duas últimas palestras.

Agora gostaria de discutir a contramedida mais importante a que o homem recorre na falsa crença de que possa enredar a infelicidade, o desprazer e a morte sem perceber jamais que esta própria contramedida não evita, e sim causa a própria coisa de que se tem tanto pavor e contra a qual se luta tanto. Esta pseudoproteção universal e comum, é a criação da autoimagem idealizada. Eu discuti este assunto com frequência com amigos em seu trabalho particular, mas só pude fazê-lo até certo ponto. A razão pela qual não pude entrar em maiores detalhes ou discutir isso em palestras públicas até agora é óbvia, meus amigos. Tinha que vir na sequência das duas últimas palestras. Se não entenderem completamente a sua luta em meio à dualidade, não conseguirão entender completamente a criação e a função da autoimagem idealizada.

Esta deveria ser um meio de evitar a infelicidade. Uma vez que a infelicidade automaticamente rouba a segurança da criança, a autoconfiança é diminuída de acordo com a infelicidade e consequente falta de segurança. Esta infelicidade não pode ser medida objetivamente. Aquilo com que uma personalidade pode ser capaz de lidar razoavelmente bem e não vivencia como infelicidade drástica, outro temperamento e caráter sente como um infortúnio sombrio. De forma nenhuma, a infelicidade e a falta de fé estão ligadas. Portanto, a criação da autoimagem idealizada serve ao propósito de obter a autoconfiança ausente. Por este intermédio se pode ganhar o prazer supremo. Este é o processo de raciocínio do inconsciente. Não é completamente diferente da verdade. Na realidade, a autoconfiança

saudável e genuína é paz de espírito. É segurança e independência saudável. A pessoa também atinge o máximo da felicidade ao desenvolver seus talentos inerentes, ao levar uma vida construtiva, e ao ter relações humanas frutíferas em uma interdependência saudável. Mas uma vez que a autoconfiança estabelecida através do eu idealizado é artificial e não genuína, o resultado não pode ser o que era esperado. Na verdade a consequência é exatamente o contrário e é frustrante simplesmente porque causa e efeito não são óbvias para a pessoa. Deverá custar a ela muita experiência de vida e vontade interior para descobrir a verdade sobre si mesma. Então, e somente então, lentamente descobrirá os elos entre a infelicidade e sua autoimagem idealizada. Este é o trabalho a ser feito por aqueles que seguem este caminho e alguns dos meus amigos já fizeram algumas descobertas preliminares nesta direção, mas ainda há muito mais a fazer. Mesmo os que já ganharam muitos insights a este respeito ainda nem arranham a superfície. Nenhum de vocês captou o significado, os efeitos, os danos que se seguem no rastro da autoimagem idealizada. Nem mesmo reconheceram a sua existência por completo, de que maneira ela se manifesta em seu caso específico. Isto requer muito trabalho para o qual é necessário ter feito todo o trabalho precedente. Mas a dissolução do eu idealizado é o único modo possível de se encontrar o verdadeiro eu, de se encontrar a serenidade, respeito por si mesmo e para se viver a vida plenamente.

Há muito que dizer sobre este assunto, mas esta noite só posso entrar nos conceitos mais fundamentais. Com o tempo, serei mais específico e entrarei em maiores detalhes. Mas o mais importante são os resultados e as descobertas do trabalho pessoal com relação a isto.

Já usei algumas vezes o termo eu máscara anteriormente. O eu máscara e a autoimagem idealizada são realmente um só e o mesmo. O eu idealizado mascara o eu verdadeiro. Finge ser algo que não são. Em criança, independente de quais foram as suas circunstâncias particulares, vocês foram doutrinados com advertências sobre a importância de ser bom, sagrado, perfeito. Quando não o eram com frequência eram punidos, de uma forma ou outra. Talvez o pior dos castigos fosse que os seus pais lhes tirassem o afeto, ficassem bravos, e vocês tinham a impressão de que não eram mais amados. Não é para menos que “mau” se associou a punição e infelicidade; “bom” com recompensa e felicidade. Consequentemente, a necessidade de ser “bom” e “perfeito” tornou-se um dever absoluto; tornou-se literalmente uma questão de vida ou morte. Por outro lado, sabiam perfeitamente bem que não eram tão bons nem tão perfeitos quanto o mundo esperava que fossem. Esta verdade tinha que ser escondida como um segredo culposos e começaram a construir um eu falso. Isto, pensavam, era sua proteção e seu meio de atingir aquilo que desesperadamente desejam – vida, felicidade, segurança, autoconfiança. Lentamente a conscientização desta fachada falsa começou a desaparecer, mas ficaram e ainda estão permeados da culpa de fingir ser aquilo que não são. Esforçam-se cada vez mais para se tornar este eu falso, este eu idealizado. Eram e inconscientemente ainda são convencidos de que, se esforçando suficientemente, um dia ainda o serão. Mas este processo artificial de se espremer dentro de algo que não são nunca poderá atingir autodesenvolvimento, autopurificação ou crescimento genuínos, porque partem da construção de um eu irreal e deixam o seu eu verdadeiro fora de comando. Na verdade, o escondem desesperadamente.

A autoimagem idealizada poderá ter muitas formas e facetas. Nem sempre esta dita padrões de reconhecida perfeição. Ah sim, muito da autoimagem idealizada dita altos padrões morais, fazendo com que seja mais difícil questionar sua validade. “Mas não está certo querer ser sempre decente, carinhoso, compreensivo; nunca ficar bravo; não querer ter defeitos; tentar atingir a perfeição? Não é isso o que devemos fazer?” Tais considerações

farão com que seja difícil descobrir a atitude compulsiva que exclui a imperfeição presente, o orgulho e a falta de humildade nos quais não conseguem se aceitar como são neste momento e, acima de tudo, a farsa de sua vergonha resultante, o medo de exposição, o recolhimento, tensão, pressão, culpa, ansiedade. Será preciso algum progresso neste trabalho para que comecem a vivenciar a diferença de sentimentos entre o desejo genuíno de trabalhar gradativamente em direção ao crescimento, e a farsa não genuína imposta através das regras ditadas pelo seu eu idealizado. Descobrirão o medo profundamente escondido, no qual acreditam que seu mundo acaba se não correspondem a nenhum destes padrões. Vocês perceberão e conhecerão muitos outros aspectos e diferenças do eu genuíno e não genuíno. Descobrirão também o que seu eu idealizado exige.

Mas, também existem facetas do eu idealizado – de acordo com a personalidade, condições de vida e primeiras influências – que não são e não podem ser consideradas boas, éticas ou morais. Tendências agressivas, hostis, orgulhosas, muito ambiciosas são glorificadas ou idealizadas. É verdade que por trás de todas as autoimagem idealizadas estas tendências negativas existem. Mas estão escondidas e como, a grosso modo, contradizem os altos padrões morais do eu idealizado, causam mais ansiedade, no sentido que o eu idealizado será exposto como a fraude que é. Mas, a pessoa que glorifica tais tendências negativas, achando que são prova de força e independência, de superioridade e de indiferença, ficará profundamente envergonhada do conceito de “bondade” que o eu idealizado de outra pessoa proclama como “máximo”, interpretando isto como fraqueza, vulnerabilidade, e dependência, no sentido não saudável. O fato de que nada torna uma pessoa mais vulnerável do que o orgulho é subestimado pelas pessoas. Nada causa tanto medo.

Na maioria dos casos, existe uma combinação destas duas tendências: por um lado, padrões morais muito exigentes e impossíveis de ser correspondidos, por outro, orgulho de ser invulnerável, indiferente e superior. A existência destes dois modos que se excluem mutuamente apresenta uma dificuldade particular para a psique. Desnecessário dizer que esta contradição é inconsciente até que este trabalho específico já esteja bem adiantado.

Existem muitas outras facetas, possibilidades, pseudossoluções individuais combinando todo tipo de tendências que se excluem mutuamente. Mas tudo isso tem que ser descoberto individualmente. Vamos agora considerar alguns dos efeitos gerais da existência do eu idealizado e algumas implicações.

Uma vez que os padrões e as regras ditados pelo eu idealizado são impossíveis de realizar, mesmo que nunca deixem de tentar, vocês mantêm e cultivam uma tirania interior da pior espécie. Mas, como não percebem a impossibilidade de ser tão perfeitos quanto exige o seu eu idealizado, nunca deixam de se chicotear, se castigarem, e se sentirem um completo fracasso sempre que ficar provado que não conseguem sê-lo. A sensação de uma inutilidade desprezível toma conta de vocês sempre que não correspondem a estas fantásticas demandas e lhes cobre de infelicidade. Às vezes esta infelicidade pode ser consciente, mas na maioria das vezes não é. Mesmo que seja, não entendem a verdadeira significância, a impossibilidade das suas demandas. Quando tentam esconder suas reações ao próprio “fracasso”, apelam para meios especiais para não se conscientizarem do seu “fracasso”.

Um dos recursos mais comuns é a projeção no mundo exterior, nos outros, na vida. Isto já discutimos extensivamente no passado, mas agora entenderão a razão mais profunda de tais projeções.

Quanto mais tentam se identificar com a sua autoimagem idealizada, maior é a desilusão sempre que a vida lhes colocar em uma posição onde esta máscara não pode ser mantida. Muitas crises pessoais são baseadas neste fator e muito menos em dificuldades externas. Mas estas dificuldades depois se tornam uma ameaça a mais, além da dificuldade objetiva delas. A existência das dificuldades é uma prova de que vocês não são o seu eu idealizado, e isto lhes tira da falsa autoconfiança que tentavam estabelecer com o eu idealizado.

Existem outros tipos de personalidade que sabem perfeitamente bem que não conseguem se identificar com o próprio eu idealizado. Mas não sabem que isto é saudável. Se desesperam. Acreditam que têm que conseguir corresponder a ele. A vida fica permeada pela sensação de fracasso, enquanto o primeiro tipo só vivencia isto em níveis mais conscientes quando condições internas e externas culminam em exibir o fantasma do eu idealizado como é de verdade – ilusão, farsa, desonestidade. É como dizer: “Eu sei que sou imperfeito/a, mas finjo que não sou.” Reconhecer esta desonestidade é comparativamente fácil. Ela é racionalizada pelo desejo de conscientização, de padrões e objetivos honráveis e pelo desejo de ser bom.

O desejo genuíno de se tornar melhor aceita a personalidade como é agora como premissa básica. Se esta for a principal força governante da sua motivação para a perfeição, qualquer descoberta onde ficam aquém de seus ideais não os jogará em depressão, ansiedade e culpa. Ao contrário, os fortalecerá. Vocês não precisarão exagerar o “defeito” da tendência em questão; nem se defenderão dela com a desculpa de que é culpa dos outros, ou da vida, ou do destino. Ganharão uma visão objetiva de si mesmos a este respeito e esta visão os libertará. Assumirão total responsabilidade pela atitude faltosa, estando dispostos a sofrer as consequências. Quando agem pelo seu eu idealizado, nada os apavora mais que isto. Pois, assumir a responsabilidade pelos seus defeitos é equivalente a dizer: “Eu não sou o meu eu idealizado”.

Sensação de fracasso, frustração, e compulsão, bem como culpa e vergonha são as indicações mais gritantes do seu eu idealizado a serviço. Estas são emoções sentidas conscientemente em tudo o que está escondido no fundo.

O eu idealizado foi criado para atingir autoconfiança, portanto, consequentemente, felicidade e prazer supremo. Quanto mais forte a sua existência ou presença, mais a autoconfiança genuína ou os restos dela desaparecem. Como não conseguem corresponder a estes padrões, pensam menos sobre si mesmos do que o faziam originalmente. Portanto, é óbvio que a autoconfiança genuína só será estabelecida quando removerem a forte estrutura do tirano implacável-- seu eu idealizado.

Sim, vocês poderiam ter autoconfiança se por um lado, o eu idealizado fosse realmente quem são e se por outro lado, pudessem corresponder a estes padrões. Mas como isto é impossível e uma vez que no fundo sabem bem que não são com este “super eu” nem um pouco do que acham que deveriam ser, criam uma insegurança a mais. A partir daí, novos círculos viciosos são criados. Por exemplo, a insegurança original, que deveria ser eliminada pelo estabelecimento do eu idealizado, vai crescendo de maneira estável.

Torna-se uma bola de neve, e piora. Quanto mais inseguros se sentem e mais rigorosas as exigências da superestrutura do eu idealizado, menos conseguem corresponder a ele, mais inseguros ficam. É muito importante perceber este círculo vicioso. Mas isto não pode ser feito, a menos que se tornem completamente conscientes dos modos tortuosos, sutis, inconscientes em que a autoimagem idealizada existe especificamente em seu caso.

Em que áreas ela se manifesta principalmente? Quais são as causas e os efeitos ligados a ela?

Outro resultado ainda mais drástico deste problema é o estranhamento do eu real que cresce constantemente. O eu idealizado, como disse, é uma falsidade. É rigidez, imitação de um ser humano construída artificialmente. Podem investir muitos aspectos de seu verdadeiro ser nele. Mesmo assim, ainda continua sendo uma construção artificial. Quanto mais investirem suas energias, personalidade, seus processos de pensamento, conceitos, ideias e ideais, mais forças extraem daquele centro do seu ser que, sozinho é favorável ao crescimento. Este centro é a única parte do seu ser real que pode viver, crescer e ser. É a única coisa que pode guiá-los de forma apropriada. Este ser sozinho funciona com todas as suas capacidades. É flexível e intuitivo. Os sentimentos dele por si só são verdadeiros e válidos, mesmo se naquele momento ainda não forem totalmente verdadeiros e estiverem na realidade em perfeição e pureza. Mas os sentimentos do eu real funcionam em perfeição, relativos ao que são agora, sem ser mais, como se aplica a qualquer situação de suas vidas. Mas quanto mais vocês tiram daquele centro vivo para investir no robô que criaram, mais se tornam estranhos ao eu real, e mais o enfraquecem e empobrecem.

Ao longo deste trabalho, às vezes se depararam com a pergunta intrigante e frequentemente assustadora: “Quem sou eu de verdade?” Este é o resultado da discrepância e da luta entre o eu real e o eu falso.

Somente resolvendo esta questão vital e profunda seu centro-vivo responderá e funcionará em total capacidade; sua intuição começará a funcionar em total capacidade; vocês se tornarão espontâneos, livres de todas as compulsões; confiarão em seus sentimentos porque estes terão a oportunidade de amadurecer e crescer. Os sentimentos se tornarão tão confiáveis quanto seu poder de raciocínio e seu intelecto. Tudo isso é o encontro final do eu. Mas antes que isto possa ser feito, muitos obstáculos têm que ser superados. Lhes parece ser uma luta de vida ou morte. Acreditam ainda precisar do eu idealizado para viver e ser felizes. Quando entenderem que não é assim, conseguirão abrir mão das pseudodefesas que fazem parecer necessário manter e cultivar o eu idealizado. Quando entenderem que o eu idealizado tinha o dever de resolver seus problemas, os problemas específicos da sua vida, acima e além da felicidade, do prazer, da segurança verão a conclusão errada desta teoria. Quando derem um passo grande e descobrirem os danos que este eu trouxe à sua vida, o derrubarão pelo peso que ele é. Nenhuma convicção, teoria ou palavras que ouçam lhes faz abandoná-lo. Mas, o reconhecimento daquilo que este deveria resolver, os estragos que causou e continua causando, fará com que vocês consigam dissolver esta imagem básica de todas as imagens. Desnecessário dizer, também precisarão reconhecer mais especificamente e com detalhes quais são as suas demandas e padrões específicos; e têm que enxergar a falta de racionalidade e a impossibilidade destes. Quando têm a sensação de ansiedade e depressão agudas, considerem o fato de que seu eu idealizado pode estar sendo questionado e ameaçado, seja por suas próprias limitações, por outros ou pela vida. Reconheçam o desprezo por si mesmos que está por trás da ansiedade ou da depressão. Ou quando ficam compulsivamente zangados com os outros, considerem a possibilidade de que isto não seja nada além de uma manifestação de sua raiva consigo mesmo por não corresponder ao seu falso eu. Não o livrem da culpa com o pretexto de problemas externos existentes como causa da depressão aguda ou medo agudo. Observem esta questão a partir deste novo ângulo. O trabalho particular e pessoal lhes ajudará nesta direção. É quase impossível fazê-lo sozinhos. Somente depois de terem feito progresso substancial nesta direção é que reconhecerão os tantos problemas externos como resultado direto ou indireto do

conflito entre suas habilidades e os padrões do seu eu idealizado e como lidam com este conflito.

Portanto, na medida em que progredirem nesta fase específica do trabalho, compreenderão a natureza exata do seu eu idealizado, as demandas, requisitos para poder manter a ilusão. Quando enxergarem claramente que o que antes consideravam louvável é, na realidade, orgulho e fingimento, ganharão insight muito substancial que os capacitará a enfraquecer o impacto do eu idealizado. Então, e somente então, perceberão a tremenda autopunição que se impõem. Pois, sempre que ficam aquém, como certamente ocorre, sentem-se tão impacientes, tão irritados que tal impaciência e irritação tendem a virar bola de neve e se tornar fúria e ira contra si mesmos. Ah, esta fúria e ira é sempre projetada nos outros porque é insuportável ter consciência de odiar a si mesmo, a menos que a pessoa desenrole todo o processo e o veja em sua luz total. Não obstante, mesmo que este ódio seja descarregado sobre outros, o efeito sobre si mesmo ainda permanece. Isto pode causar doenças, acidentes, perda, e fracassos externos de várias maneiras.

Quando derem os primeiros passos em direção ao abandono do eu idealizado, sentirão a sensação de libertação como nunca anteriormente sentiram. Aí renascerão verdadeiramente. Ou seja, o seu eu real emergirá. Vocês descansarão dentro de seu eu real, ficarão centrados em seu interior. Então, e somente então, serão bem sucedidos de verdade em seu crescimento – não somente nos aspectos externos onde terão se libertado da ditadura do eu idealizado, mas plena e completamente livres, assumindo cada parte do seu ser. Isto mudará muitas coisas. Primeiramente virão mudanças em suas reações à vida, aos incidentes, a si mesmos e aos outros. Esta reação nova será impressionante o bastante. Mas, aos poucos, as coisas externas também mudarão. Suas atitudes diferentes causarão novos efeitos. Superar o seu eu idealizado significa superar uma importante faceta da dualidade entre a vida e a morte.

No presente momento, nem mesmo têm consciência da pressão do seu eu idealizado, da vergonha, humilhação, exposição que temem e às vezes sentem, da tensão, do stress e da compulsão. Ainda experimentam um gosto ocasional destas emoções, não as ligam com as demandas fantásticas do seu eu idealizado. Somente depois de enxergarem claramente estas expectativas fantásticas e as tendências frequentemente contraditórias, é que as abandonarão. A liberdade interior inicial ganha desta maneira, lhes permitirá lidar com a vida e se posicionar na vida. Não precisarão mais se apegar loucamente a este eu idealizado. A simples atividade interna de se apegar loucamente, gera um clima sutil de apego generalizado. Isto às vezes é vivido em atitudes externas, mas frequentemente é uma qualidade ou atitude interna. Na medida em que progredirem nesta nova fase de seu trabalho, sentirão e perceberão a rigidez interior e gradativamente reconhecerão os danos básicos que causam. Esta atitude torna impossível o desapego de muitas outras. Torna indevidamente difícil passar por qualquer mudança que permita que a vida produza alegria e espírito de vigor. Vocês se mantêm contidos dentro de si mesmos indo assim contra a vida em um de seus aspectos mais fundamentais.

As palavras são muito insuficientes. Ao invés disso, o que eu digo tem que ser percebido por vocês. Mas saberão exatamente o que quero dizer quando conseguirem enfraquecer seu eu idealizado consideravelmente, pelo simples processo da total compreensão de sua função, causas e efeitos. Assim ganharão a grande liberdade de se doarem para a vida porque não precisam mais esconder nada de vocês mesmos e dos outros. Conseguirão ser pródigos na vida, não de um modo doentio e irracional, mas saudavelmente como a natureza também é. Então, e somente então, conhecerão a beleza de viver.

Não conseguem abordar esta parte importante de seu trabalho interior com conceito generalizado. Como sempre, suas reações diárias mais insignificantes, consideradas a partir deste ponto de vista, produzirão o resultado necessário. Portanto, continuem na busca de si mesmos a partir destas novas considerações e não fiquem impacientes se levar tempo e esforço relaxado.

Eu tenho mais uma palavra. A diferença entre o eu real e o eu idealizado geralmente não é uma questão de quantidade (relativo à uma tendência ser boa ou ruim) e sim de qualidade. Ou seja, a motivação original é diferente em ambos os eu. Não será fácil ver isto, mas quando reconhecerem as exigências, contradições, a sequência de causa e efeito, a diferença de motivação, gradativamente se tornará clara. Outra consideração importante é o elemento tempo entre estes dois eu. O eu idealizado quer ser perfeito (de acordo com suas demandas específicas) já. O eu real sabe que não pode ser assim e não sofre com isto. É claro que não são perfeitos em seu eu real. Este é um complexo de todas as coisas que vocês são neste momento. É certo que têm o egocentrismo básico. Mas, uma vez que admitirem tê-lo conseguirão lidar com ele. Conseguirão aprender a entendê-lo, portanto, diminuí-lo com cada novo insight a este respeito.

Assim, verdadeiramente vivenciarão as seguintes palavras. Quanto mais egocêntricos forem, menos autoconfiança terão. O eu idealizado acredita justamente o contrário. Sua busca por perfeição é motivada por razões puramente egocêntricas. É exatamente este egocentrismo que torna a autoconfiança impossível.

Portanto a grande liberdade de voltar para casa, meus amigos, é encontrar o caminho de volta para o seu eu verdadeiro. A expressão “voltar para casa” sempre foi usada na literatura e nos ensinamentos espirituais. Mas foi alvo de muitos mal entendidos. É sempre interpretada como o retorno ao mundo espiritual após a morte física. Voltar para casa significa muito mais que isso. Vocês podem morrer muitas vezes, uma vida terrena após a outra, mas se não encontrarem o seu eu verdadeiro, não podem voltar para casa. Se perderão até que encontrem o caminho para o centro do seu ser. Por outro lado, podem encontrar o caminho para casa aqui e agora enquanto ainda estão em seu corpo. Quando criarem a coragem necessária para se tornar seu eu verdadeiro, mesmo que este pareça menos do que o eu idealizado, descobrirão que é muito mais. Assim, encontrarão a paz de estar em casa consigo mesmos. Assim, encontrarão segurança. Então, funcionarão como seres humanos plenos. Também terão eliminado o chicote de ferro de um ditador a quem é impossível obedecer. Saberão então, o que realmente significa paz e segurança. Cessarão de uma vez de procurá-las por meios falsos.

E agora, meus caros, estou pronto para as suas perguntas.

PERGUNTA: Então o verdadeiro eu não tem duas almas, nenhuma dualidade?

RESPOSTA: É claro que não. A dualidade deixa de existir uma vez que se aceitem como parte bons, e parte maus, como sendo parte eu superior e parte eu inferior. Estes dois lados serão integrados e viverão em paz juntos uma vez que se aceitem com ambos. E somente então poderá o lado inferior gradativamente se desenvolver e sair da sua cegueira. Mas enquanto não se reconciliarem no sentido de que são bons e maus, enquanto lutarem contra este “ser mau” e acreditarem que não devem sê-lo agora, a dualidade existirá. Aceitando o seu eu inferior, conseguem gradativamente superá-lo e também superar a dualidade entre o eu superior e o eu inferior. Com a não aceitação, aumenta a dualidade. É a mesma questão que discuti com relação à vida e à morte. Aceitando a morte, a dualidade entre vida

e morte diminui gradativamente até que desapareça por completo. Lutando contra a morte da mesma forma que lutam contra o eu inferior, a dualidade aumenta.

PERGUNTA: Você poderia nos dizer o que Goethe queria dizer com a frase “Duas almas habitam em meu peito”?

RESPOSTA: pode ser interpretada como sendo o eu superior e o eu inferior. E também pode ser interpretada como a dualidade entre o eu idealizado e o eu real. A falta de paz entre o eu superior e o eu inferior traz o eu idealizado à existência. Estas duas dualidades são interdependentes. Vejam, quanto mais o eu idealizado é posto entre o eu real e a vida, menos a vida cresce e mais se encolhe e se torna proibida de funcionar.

PERGUNTA: na psicologia moderna ouvimos com frequência a palavra “esquizofrenia” que se aplica àqueles que são psicóticos. De acordo com sua palestra desta noite e anteriormente somos todos desintegrados e divididos. Esta dualidade é apenas uma questão de grau?

RESPOSTA: sim, é uma questão de grau, de intensidade, e de quantas áreas da personalidade estão incluídas aí. Com o psicótico clínico, as áreas de não aceitação do eu são avassaladoras. Com pessoas que têm funcionamento mais normal na vida, o eu idealizado deverá impregnar toda a personalidade, mas ainda existe certo sentido da realidade.

PERGUNTA: na última palestra, aprendemos que é importante encararmos a morte para podermos viver plenamente. Neste momento há muita publicidade em torno do julgamento de Adolf Eichmann. Eu tenho três perguntas: nós podemos e deveríamos tentar encarar a morte dos milhões de desafortunados para poder aprender algo para nós mesmos individualmente? É saudável reviver a era de morte e destruição? A humanidade pode aprender alguma lição positiva revivendo isto?

RESPOSTA: primeiro responderei a pergunta: qualquer lição pode ser aprendida com relação ao assunto de vida e morte, ou qualquer outro assunto, a este respeito? Depende totalmente do indivíduo, se pode ou quer aprender a lição ou não. Mas com relação à lição da morte me aventuro a dizer que cada indivíduo tem que passar por isto sozinho, seja a morte física realmente ou as muitas pequenas mortes diárias que discuti recentemente. Seria muito perigoso achar que uma pessoa pode aprender através da tragédia de outra neste sentido específico. Seria perigoso porque daria espaço para a presunção, possivelmente até mesmo evoluir para uma crueldade passiva ou chegar mesmo à ativa. Perdoaria a crueldade de maneira insidiosa e sutil. Certas coisas a pessoa só consegue aprender quando as vivencia. Há outras maneiras através das quais a pessoa poderia, pelo menos teoricamente, aprender através das experiências de outras pessoas, se estiver aberta a isto. Contudo, a experiência mostra muitas vezes que a maioria das pessoas tem que aprender as lições através de seus próprios erros, não através dos erros que os outros cometem e não pelas experiências que os outros têm. Se isto ocorrer em casos isolados, tanto melhor. Mas não existe regra geral que possa proclamar um acontecimento em particular mais conducente ao aprendizado que outros acontecimentos. Teoricamente, a pessoa pode aprender a partir de qualquer ocorrência da vida. Em geral é mais fácil aprender uma lição a partir das pequenas decepções insignificantes da própria pessoa, do que a partir das tragédias dos outros.

Com relação à segunda pergunta meus caros amigos, eu não posso responder com sim ou não. Mais uma vez, depende do indivíduo. Uma lição positiva pode ser aprendida por indivíduos, bem como pela humanidade em geral, recordando a era de destruição e

crueidade. E uma lição negativa também pode ser aprendida da mesma forma. Pela mesma regra, a lição positiva bem como a lição negativa podem ser aprendidas sem serem revividas. Não existe sim nem não. Não existe resposta simplista a nenhuma das alternativas.

Enquanto a humanidade for governada principalmente pelo desejo de revanche, ódio, e vingança e estas emoções permanecerem predominantes, não haverá lição. Se por um lado, outras motivações forem verdadeira e genuinamente mais construtivas do que destrutivas (não somente proclamadas, mas sentidas), a lição será positiva. Por outro lado, não revivê-la também pode acontecer por motivos negativos tais como covardia, medo, indiferença, oportunismo, resignação. Então, esta também seria uma lição negativa. Não revivê-la também poderia ser resultado da sabedoria verdadeira de que as leis do mundo divino tomam conta de tudo. Mas isto certamente não significa que os criminosos não deveriam pagar as consequências. A abordagem de assumir a função de punir outro ser humano é muito diferente da abordagem de impossibilitar crueldades enquanto se cura o criminoso de sua doença – se este estiver disposto a aceitar a ajuda necessária.

PERGUNTA: Até que ponto os homens deveriam assumir a função de punir um criminoso?

RESPOSTA: Não está nas mãos do homem punir. Seu procedimento deveria ser, e um dia será, assumir também a responsabilidade de que qualquer crime acontece por conta de valores errôneos, sistemas errôneos, educação errônea, atitudes errôneas. Reconhecendo isto, o peso será transferido da punição à cura. Mas a possibilidade de tal pessoa perpetrar outros crimes deveria ser estritamente evitada cerceando sua liberdade externa ao mesmo tempo em que se ajuda a pessoa a ganhar liberdade interna através de tratamento. Isto seria sentido como punição, de qualquer maneira, pelo criminoso; pois a violação de sua liberdade pessoal, bem como o processo doloroso da cura de sua alma será tão difícil quanto a morte ou a prisão perpétua, embora, muito mais construtivo. Tudo isso acontecerá um dia.

Que vocês todos encontrem a verdade, a ajuda e um maior esclarecimento através das palavras que lhes dei hoje. Contudo, deveriam entender e esperar que a compreensão teórica, principalmente agora, não lhes ajudaria em nada. Enquanto estas palavras permanecerem na teoria, não receberão ajuda delas. Quando começarem ou continuarem a trabalhar nesta direção e se permitirem sentir e observar suas reações emocionais com relação a este assunto, terão feito então, progresso substancial em sua própria libertação e autocohecimento no mais verdadeiro sentido da palavra.

Agora, meus caríssimos, cada um de vocês, recebam nosso amor, nossa força, e nossas bênçãos. Fiquem em paz, fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.